

O PACOTE LÁ FORA

Times prevê fracasso

Tina Evaristo
Do equipe do **Correio**

O pacote fiscal anunciado na quarta-feira pelo ministro da Fazenda Pedro Malan despertou opiniões contrárias em políticos e economistas de todo o mundo. Gente de peso, como o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, a cúpula do Fundo Monetário Internacional (FMI), e o secretário do Tesouro norte-americano, Robert Rubin, apoiaram as medidas do governo brasileiro.

“O plano vai possibilitar uma redução considerável do déficit público do país”, disse Lawrence Summers, vice-diretor do Tesouro norte-americano.

Os economistas, porém, advertem que o outro lado da moeda pode não ser tão atraente. “Aumentar impostos é a maneira mais fácil de produzir receita, mas é preciso considerar os efeitos colaterais dessa medida na economia: a recessão”, declarou Joyce Chang, analista de mercados emergentes do banco Merrill Lynch.

As palavras de Chang receberam total apoio do jornal norte-americano *The New York Times* (NYT), uma das publicações mais influentes do mundo. Em sua edição de ontem, o jornal afirmou que o plano de ajuste não vai curar o Brasil e acrescentou que os US\$ 30 bilhões em empréstimo do FMI, acrescidos de outros tantos bilhões, retirados dos cofres públicos dos Estados Unidos, tampouco servirão de escudo para proteger o real de uma desvalorização.

Até o dia do pronunciamento de Malan, o jornal era um dos principais defensores no exterior das políticas adotadas pelo Brasil. Diz-se agora, temeroso de que o dinheiro do Fundo, depois de repassado ao Brasil, termine nas contas de investidores estrangeiros.

Tudo indica que o Brasil está mais perto dos US\$ 30 bilhões. O presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglesias, informou que o auxílio deverá sair na próxima semana. “Estamos muito confiantes nesse ajuste fiscal”, disse. O BID fornecerá US\$ 4,5 bilhões do total.

O governo americano tem fortes razões para aliar-se ao Brasil, principal economia latino-americana, na batalha pela preservação do real. Exemplos anteriores (na Ásia e Rússia) mostraram que em nenhuma situação os bancos centrais conseguiram manter as rédeas da desvalorização e a moeda acabou caindo muito mais do que o realmente necessário. Como resultado, as empresas dos Estados Unidos perderam grandes clientes para suas exportações.

Segundo o jornal, as esperanças de Summers e do vice-diretor-gerente do FMI, Stanley Fisher, de conter a proliferação da crise financeira na América Latina por meio do “despejo de dinheiro” no Brasil, não terá vida longa. Os economistas ouvidos pelo jornal afirmam que o plano brasileiro utiliza políticas financeiras inconciliáveis.

“O pacote reúne cortes de gastos, aumento de impostos como forma de reduzir o déficit e taxas de juros altas para impedir a saída de capital. Acho que o Brasil vai precisar de muita oração”, diz Morris Goldstein, do Instituto de Economia Internacional.

The New York Times

Os únicos beneficiários do empréstimo bilionário do FMI ao Brasil serão os grandes aplicadores da Bolsa de Nova York. Se o Fundo ajudar o país, o dinheiro terminará em contas de bancos suíços, engordando ainda mais os lucros dos investidores estrangeiros.

THE WALL STREET JOURNAL

Várias medidas do pacote brasileiro já eram conhecidas pelo mercado. A falta de novidade, associada à futura batalha entre governo e Congresso para aprovar o plano, desanimou os investidores. Eles também gostariam que anúncio viesse acompanhado da ajuda do FMI.

FINANCIAL TIMES

O plano de austeridade fiscal do Brasil não esclarece se as Bolsas de Valores do país ficarão isentas da CPMF. O governo quer aumentar a contribuição de 0,2% para 0,38%. Analistas acreditam que os investidores vão preferir por dinheiro em outro lugar se forem taxados.

Liberation

Os principais sindicatos do Brasil declararam que as medidas do governo vão agravar a crise econômica e aumentar o índice de desemprego. O programa, que inclui a elevação de impostos e outras contribuições, recebeu aprovação do FMI.

EL PAÍS

Pelo plano de austeridade fiscal do Brasil, o funcionalismo público pagará uma boa parte das contas do governo. As medidas que serão adotadas pelo país afetam diretamente a classe. No primeiro ano de vigência do plano, o governo espera economizar cerca de US\$ 23,5 bilhões.

Como solução para o Brasil, o jornal fornece os conselhos de Jeffrey Sachs, do Instituto de Desenvolvimento Internacional de Harvard, e de Rudiger Dornbusch, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Ambos notoriamente conhecidos por manifestações contrárias à política monetária brasileira.

O primeiro defende a derrubada das taxas de juros e a livre flutuação do real no mercado cambial. “Não se deve tentar salvar moedas sobrevalorizadas”, ensina Sachs. Dornbusch, por sua vez, é a favor de que o país adote o Plano de Conversibilidade, o mesmo introduzido na Argentina em 1991 pelo então ministro da Economia, Domingo Cavallo. Por esse sistema, o valor do real estaria atrelado ao do dólar e a desvalorização deixaria de ser uma ameaça.